



TREVOR NOAH
SOU UM CRIME
NAScer E CRESCER NO APARTHEID

TRADUÇÃO DE
EUGÉNIA ANTUNES

L I S B O A
TINTA-DA-CHINA
M M X V I I I

*Para a minha mãe, a minha primeira admiradora.
Obrigado por fazeres de mim um homem.*

BORN A CRIME, © 2016 by Trevor Noah

© 2018, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6 A
1500-461 Lisboa
21 726 90 28/29
info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título original: *Born a Crime:
Stories from a South African childhood*

Título: *Sou Um Crime:
Nascer e crescer no apartheid*
Autor: Trevor Noah
Tradução: Eugénia Antunes
Revisão: Tinta-da-china (C. Marques)
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china,
a partir de fotografia de @ Kwaku Alston

1.ª edição: Novembro de 2018

ISBN: 978-989-671-464-2
DEPÓSITO LEGAL: 447525/18

LEI DA IMORALIDADE DE 1927

Proibição de relações carnais ilícitas entre europeus e nativos e outros actos relacionados.

Fica deste modo estipulado pelo Rei, Sua Majestade Excellentíssima, o Senado e a Câmara da Assembleia da União Sul-Africana, o seguinte:

1. Qualquer homem europeu que tenha relações carnais ilícitas com uma mulher nativa, assim como qualquer homem nativo que tenha relações carnais ilícitas com uma mulher europeia (...), terá cometido um crime e estará sujeito uma pena de prisão por um período não superior a cinco anos.
2. Qualquer mulher nativa que permita que um homem europeu tenha relações carnais ilícitas com ela, assim como qualquer mulher europeia que permita que um homem nativo tenha relações carnais ilícitas com ela, terá cometido um crime e estará sujeita a uma pena de prisão por um período não superior a quatro anos.

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE	II
1. Corre	15
2. Sou um crime	29
3. Trevor, reza	41
4. Camaleão	55
5. A segunda filha	67
6. Vazios legais	81
7. Fufi	97
8. Robert	105
SEGUNDA PARTE	113
9. A amoreira	117
10. A longa, embaraçosa, ocasionalmente trágica e frequentemente humilhante iniciação de um jovem nos assuntos do coração, parte I: Dia de São Valentim	129
11. Forasteiro	135
12. A longa, embaraçosa, ocasionalmente trágica e frequentemente humilhante iniciação de um jovem nos assuntos do coração, parte II: a paixoneta	141
13. Daltonismo	149
14. A longa, embaraçosa, ocasionalmente trágica e frequentemente humilhante iniciação de um jovem nos assuntos do coração, parte III: o baile	159

TERCEIRA PARTE	175
15. Vai, Hitler!	179
16. Os rapazes do queijo	195
17. O mundo não te ama	219
18. A vida da minha mãe	237
Agradecimentos	275

PRIMEIRA PARTE

A genialidade do *apartheid* foi convencer uma população que constituía a esmagadora maioria do país a virar-se contra si mesma. «Apartódio» seria um termo mais adequado. Apartam-se as pessoas em grupos e instiga-se o ódio de uns contra os outros, com o objectivo de controlar a todos.

Na altura, os sul-africanos negros ultrapassavam em número os sul-africanos brancos numa proporção de quase cinco para um. Contudo, estávamos divididos em tribos que falavam línguas diferentes: zulu, xossa, tsuana, sesoto, venda, ndebele, tsonga, sepedi e outras. Muito antes do *apartheid*, já estas facções tribais se guerreavam. O regime branco mais não fez do que usar essa animosidade para dividir e reinar. Todos os não-brancos foram sistematicamente classificados em vários grupos e subgrupos. Em seguida, foram atribuídos a estes grupos níveis diferentes de direitos e privilégios com o propósito de os manter em confronto.

A mais flagrante destas divisões aconteceu entre os dois grupos dominantes na África do Sul, os zulus e os xossas. Os zulus são conhecidos como guerreiros. São orgulhosos. Cerram os dentes e vão à luta. Aquando da invasão pelos exércitos coloniais, os zulus entraram na guerra armados de lanças e escudos para enfrentarem homens com armas de fogo. Foram chacinados aos milhares, mas nunca desistiram de lutar. Os xossas, por outro lado, orgulham-se por serem os pensadores. A minha mãe é xossa. Nelson Mandela era xossa. Os xossas também travaram uma longa guerra contra o homem branco, mas, depois de perceberem que era inútil combater um inimigo que estava muito melhor armado, muitos líderes xossas optaram por uma abordagem mais engenhosa. «Estes brancos vão ficar aqui quer queiramos quer não», pensaram. «Vejam as ferramentas que nos possuem ser úteis. Em vez de resistirmos ao inglês, vamos aprender a língua.

Assim compreenderemos o que o homem branco diz e podemos forçá-lo a negociar connosco.»

Os zulus foram para a guerra com o homem branco. Os xossas jogaram xadrez com o homem branco. Durante muito tempo, nenhum dos grupos foi bem-sucedido, e cada um culpava o outro por um problema que nenhum deles criara. O ressentimento foi crescendo. Ao longo de décadas, esses sentimentos foram direccionados para um inimigo comum. Depois, o *apartheid* caiu, Mandela foi libertado e a África do Sul negra entrou em guerra consigo mesma.

1 CORRE

Nas grandes produções de Hollywood, existem aquelas cenas de perseguições em que alguém salta ou é empurrado para fora de um carro em movimento. A pessoa embate no chão e rebola durante um momento. Depois pára, levanta-se e sacode-se como se não tivesse sido nada. Sempre que vejo uma cena assim, penso: *Grande treta. Ser atirado de um carro em andamento dói muito mais do que aquilo.*

Tinha nove anos quando a minha mãe me fez isso. Foi num domingo. Sei que foi num domingo porque regressávamos a casa, vindos da igreja, e durante toda a minha infância fomos à missa ao domingo. *Nunca* faltávamos. A minha mãe era — e continua a ser — uma mulher profundamente religiosa. Muito cristã. À semelhança de muitos povos indígenas um pouco por todo o mundo, os sul-africanos negros adoptaram a religião dos colonizadores. Com «adoptar» quero dizer que nos foi imposta. O homem branco era muito severo com o nativo. «Tens de rezar a Jesus», dizia o branco. «Jesus salvar-te-á.» Ao que o nativo respondia: «Realmente, precisamos que alguém nos salve; de *vocês*, mas isso é irrelevante. Portanto, vamos lá dar uma oportunidade a esse tal de Jesus.»

Toda a minha família é religiosa, mas ao passo que a minha mãe era uma partidária fervorosa de Jesus, a minha avó misturava a sua fé cristã com as crenças tradicionais xossas com as quais crescera, mantendo contacto com os espíritos dos nossos antepassados. Durante muito tempo não compreendi por que razão tantos negros tinham trocado a sua fé indígena pelo cristianismo, mas quanto mais vezes ia à igreja e mais tempo passava sentado naqueles bancos, mais aprendia sobre o funcionamento do cristianismo: se formos nativos americanos e rezarmos aos lobos, somos uns selvagens. Se formos africanos e rezarmos aos nossos

antepassados, somos uns primitivos. Mas quando os brancos rezam a um tipo que transforma água em vinho, bem, isso é apenas senso comum.

Durante a infância frequentei a igreja, ou participei em actividades religiosas, quatro noites por semana, pelo menos. À terça-feira reunia-se o grupo de oração. À quarta-feira havia estudo da Bíblia. À quinta-feira juntava-se o grupo de jovens. Sexta e sábado eram dias de folga. (Tempo de pecado!) Ao domingo, íamos à igreja. A três igrejas, para ser mais exacto. Isto porque, segundo a minha mãe, cada igreja proporcionava uma coisa diferente. A primeira igreja oferecia uma veneração jubilosa do Senhor. A segunda, uma análise profunda das escrituras, que a minha mãe adorava. A terceira oferecia paixão e catarse; era um lugar onde sentíamos a presença do Espírito Santo dentro de nós. Ao mesmo tempo que saltávamos entre estas igrejas, comecei a reparar, por casualidade, que cada uma tinha uma composição racial muito própria e distinta: a igreja jubilante era uma igreja mista. A igreja analítica era branca. E a igreja apaixonada e catártica era a negra.

A igreja mista chamava-se Rhema Bible Church. Era uma dessas mega-igrejas supermodernas e suburbanas. O pastor, Ray McCauley, ex-culturista, tinha um sorriso largo e a personalidade de uma chefe de claque. O pastor Ray competira no concurso de Mr. Universo, em 1974, conquistando o terceiro lugar. O vencedor nesse ano foi Arnold Schwarzenegger. Todas as semanas, Ray subia ao palco e esforçava-se arduamente por fazer de Jesus um tipo fixe. A congregação sentava-se como se estivesse num estádio e uma banda de *rock* tocava a mais recente música *pop* cristã contemporânea. Toda a gente cantava em coro e nem era preciso saber a letra, que aparecia no ecrã gigante que pendia do tecto. Era *karaoke* cristão, basicamente. Divertia-me sempre à grande na igreja mista.

A igreja branca chamava-se Rosebank Union e ficava em Sandton, uma zona muito branca e abastada de Joanesburgo. *Adorava* a igreja branca, porque não tinha de assistir ao culto. Isso ficava para a minha mãe. Eu frequentava a catequese e lia histórias divertidas. Noé e o dilúvio era uma das minhas preferidas; por motivos pessoais, claro. Mas também gostava das que falavam de Moisés a separar as águas do Mar Vermelho, de David a chacinar Golias ou de Jesus a açoitiar os cambistas no templo.

Cresci numa casa com muito pouca exposição à cultura popular. Os Boyz II Men não tinham hipótese em casa da minha mãe. Canções acerca de um homem que passava a noite toda a roçar-se numa rapariga? Não, não,

não. Isso era proibido. Na escola, ouvia os outros miúdos cantar «End of the Road» e não percebia o que se passava. Sabia da existência desses Boyz II Men, mas não fazia ideia de quem eram. A única música que conhecia estava relacionada com a igreja: canções inspiradoras que enalteciam Jesus. O mesmo se passava com o cinema. A minha mãe não queria poluir a minha mente com filmes sobre sexo e violência, portanto, a Bíblia era o meu filme de acção. Sansão era um super-herói. O meu He-Man. Um tipo que mata mil pessoas à pancada com a mandíbula de um burro? Tão fixe! Mais cedo ou mais tarde, chega-se a Paulo e à Carta aos Efésios e a acção esmorece, mas o Antigo Testamento e os Evangelhos? Podia citar-vos qualquer passagem, enumerando o capítulo e o versículo. Todas as semanas, na igreja branca, havia jogos e concursos sobre a Bíblia, e eu dava abadas a toda a gente.

Depois havia a igreja negra. Não faltavam cultos do género apaixonado e catártico, e nós experimentámos todos. Nas *townships* decorriam habitualmente ao ar livre, em tendas ao estilo das igrejas evangelistas. Por norma, íamos à igreja da minha avó, uma congregação metodista à moda antiga: quinhentas avozinhas africanas de blusas azuis e brancas, agarradas às bíblias e assando pacientemente sob o tórrido sol africano. Ir à igreja negra era duro, não vou mentir. Não havia ar-condicionado. Não havia letras de canções em ecrãs gigantes. E os cultos demoravam uma eternidade, três ou quatro horas, no mínimo, o que me deixava perplexo, porque os serviços religiosos na igreja branca demoravam apenas uma hora: entra e sai, e obrigado por ter vindo. Ali, ficava sentado horas e horas e horas a tentar perceber por que motivo o tempo avançava tão devagar. *Será possível que o tempo pare? E, se assim for, pára na igreja negra e não na igreja branca?* Acabei por concluir que os negros precisavam de mais tempo com Jesus, porque sofriam mais. «Venho aqui reabastecer-me de bênçãos para o resto da semana», costumava dizer a minha mãe. Quanto mais tempo passássemos na igreja, achava ela, mais bênçãos acumulávamos: era uma espécie de cartão de fidelização da Starbucks.

A igreja negra possuía uma qualidade que redimia todas as desvantagens. Se aguentássemos até à terceira ou quarta hora, víamos o pastor expulsar demónios do corpo das pessoas. Os membros da congregação possuídos por demónios corriam como loucos por entre as filas de cadeiras, gritando em línguas estranhas. Os arrumadores placavam-nos,

quais seguranças numa discoteca, e imobilizavam-nos para que o pastor tratasse deles. Este agarrava-lhes a cabeça e sacudia-a violentamente, ao mesmo tempo que berrava: «Expulso este espírito em nome de *Jesus!*» Alguns pastores eram mais violentos do que outros, mas todos tinham uma coisa em comum: não paravam até que o demónio tivesse batido em retirada e o congregante acabasse no chão, inerte. O endemoniado tinha de cair ao chão; se não caísse, isso significava que o demónio era mais poderoso e que o pastor precisava de atacá-lo/tratar-lhe da saúde com mais agressividade. Podia até ser um defensor de futebol americano. Não importava. O pastor tinha de *derrubá-lo*. Céus, era diversão garantida.

Karaoke cristão, histórias de acção do caraças e curandeiros violentos... O que havia para não gostar? Por exemplo, o esforço que fazíamos para lá chegar. Era uma estafa épica. Vivíamos em Eden Park, um subúrbio minúsculo a milhas de Joanesburgo. Demorávamos uma hora a chegar à igreja branca, mais 45 minutos a chegar à mista e outro tanto na viagem para o Soweto, onde ficava a igreja negra. Depois, como se isso fosse pouco, alguns domingos voltávamos à igreja branca para um serviço religioso vespertino especial. Quando finalmente entrávamos em casa, já noite cerrada, eu desmoronava na cama.

Aquele domingo em particular, o domingo em que fui lançado de um carro em movimento, começou como outro qualquer. A minha mãe acordou-me, fez-me papas de aveia para o pequeno-almoço. Tomei banho enquanto ela vestia o meu irmão mais novo, Andrew, que tinha nove meses. Entrámos no carro, mas, quando já estávamos todos de cinto posto e prontos para sair, o motor recusou-se a pegar. A minha mãe tinha um Volkswagen Carocha cor de tangerina, velho e em mau estado, comprado por uma bagatela. Precisamente porque estava sempre a avariar. Ainda hoje odeio carros em segunda mão. Quase tudo o que correu mal na minha vida está relacionado com um carro em segunda mão. Os carros em segunda mão fizeram-me ficar de castigo por chegar tarde à escola. Os carros em segunda mão deixaram-nos a pedir boleia na berma da auto-estrada. Foi também por causa de um carro em segunda mão que a minha mãe se casou. Se não fosse pelo Volkswagen que não pegava, nunca teríamos procurado o mecânico que se tornou o marido que se tornou o padrasto que se tornou o homem que nos torturou durante anos e enfiou uma bala na nuca da minha mãe. Para mim, só carros novos com garantia.

Por muito que adorasse ir à igreja, a ideia de uma estafa de nove horas, da igreja mista para a igreja branca, depois para a negra e de volta à igreja branca, desmotivava qualquer um. Já era mau o suficiente fazer o percurso de carro, mas ir de transportes públicos significava o dobro da distância e o dobro do esforço. Quando o Volkswagen se recusou a pegar, pus-me a rezar mentalmente: *Por favor, diz que ficamos em casa. Por favor, diz que ficamos em casa*. Depois, vi o ar determinado da minha mãe, o seu maxilar cerrado, e soube que teria um dia longo pela frente.

— Anda — disse ela. — Vamos de mini-autocarro.

A minha mãe é tão casmurra quanto religiosa. Assim que mete uma coisa na cabeça, nada a demove. Obstáculos que levariam uma pessoa normal a mudar de planos, como uma avaria mecânica, apenas a tornavam mais decidida a seguir em frente.

— É o Diabo — afirmou ela, referindo-se ao carro empanado. — O Diabo não quer que vamos à missa. É por isso que temos de ir de mini-autocarro.

Sempre que tinha de enfrentar a obstinação da minha mãe, uma teimosia fundada na fé, tentava, o mais respeitosamente possível, rebatê-la com um ponto de vista antagónico.

— Ou — aleguei —, o Senhor sabe que hoje não *deveríamos* ir à missa, razão pela qual se assegurou de que o carro não pegava, para ficarmos em casa, em família, e tirarmos um dia de descanso, porque até o Senhor descansou.

— Ah, isso é o Diabo a falar, Trevor.

— Não, porque Jesus tudo controla, e se Jesus tudo controla e até rezámos a Jesus, ele faria o carro pegar, mas não fez, portanto...

— Não, Trevor! Por vezes, Jesus põe obstáculos no nosso caminho para ver se os ultrapassamos. Como Jó. Isto pode ser um teste.

— Ah! Sim, mãe. Mas o teste pode consistir em ver se estamos dispostos a aceitar o que aconteceu e ficar em casa a louvar Jesus pela sua sabedoria.

— Não. Isso é o Diabo a falar. Vá, vai mudar de roupa.

— Mas, mãe!

— Trevor! *Sun'ghela!*

Sun'ghela é uma expressão com muitas nuances de significado. Quer dizer «não me contradigas», «não me subestimes» e «atreve-te». É uma ordem e uma ameaça, simultaneamente. É comum os pais xossas dizerem

isto aos filhos. Quando ouvia aquilo sabia que a conversa estava terminada e que, se voltasse a abrir a boca, habilitava-me a levar uma surra.

Na altura, frequentava uma escola católica privada chamada Maryvale College. Todos os anos, ganhava a corrida do Dia do Desporto de Maryvale, e a minha mãe vencia também, ano após ano, o troféu na categoria das mães. Porquê? Porque passava a vida a correr atrás de mim para me chegar a roupa ao pêlo, e eu passava a vida a fugir dela para que isso não acontecesse. Ninguém corria como a minha mãe. Não era uma daquelas mães que gritava: «Chega aqui para eu te bater.» Ia ela mesma entregar a sova, por mão própria, de graça. Além do mais, gostava de atirar coisas. Qualquer coisa que estivesse à mão convertia-se num projectil. Se fosse um objecto frágil, tinha de conseguir apanhá-lo e pousá-lo. Caso se partisse, a culpa seria minha também, e a tarefa duplicava. Se ela me lançasse uma jarra, por exemplo, além de apanhar e pousar, tinha de fugir. Numa fracção de segundo, via-me obrigado a pensar: *É valiosa? Sim. É frágil? Sim. Apanha-a, pousa-a, e agora foge.*

A minha mãe e eu tínhamos uma relação estilo Tom e Jerry. Ela era a disciplinadora severa e eu portava-me mal como tudo. Ela mandava-me às compras e eu não voltava logo para casa, porque me punha a gastar o troco do leite e do pão em videojogos, no supermercado. Adorava videojogos. Era um ás do *Street Fighter*. Um único jogo durava-me uma eternidade. Metia uma moeda, o tempo voava e, quando dava por mim, tinha uma mulher a perseguir-me armada com um cinto. Saía a correr pela porta e seguia pelas ruas poeirentas de Eden Park, trepando muros, esgueirando-me por quintais. Era uma cena normal no nosso bairro. Toda a gente já sabia: primeiro passava aquele miúdo, o Trevor, a correr como uma bala, e logo a seguir a mãe, mesmo nos seus calcanhares. Ela era capaz de correr a toda a velocidade de saltos altos, mas, se quisesse mesmo apanhar-me, tinha um truque para pontapear os sapatos ao mesmo tempo que acelerava. Dava um jeito esquisito aos tornozelos e os sapatos saltavam-lhe dos pés e nem sequer perdia um segundo. Era aí que eu percebia: *Já está em modo turbo.*

Quando era miúdo, ela apanhava-me sempre, mas à medida que fui crescendo, fui-me tornando mais rápido. Então, quando a velocidade era insuficiente, ela usava a cabeça. Se percebesse que eu estava prestes a escapar-lhe, gritava: «*Pára! Ladrão!*» Sim, fazia isto ao próprio filho. Na África do Sul, ninguém se mete nos assuntos alheios, a menos que seja uma questão de justiça colectiva, e aí toda a gente quer participar. Assim sendo,

ela gritava «Ladrão!», sabendo que toda a vizinhança se mobilizaria contra mim, e, logo a seguir, havia estranhos a tentar agarrar-me e derrubar-me. Tinha de esquivar-me a eles também, ao mesmo tempo que gritava: «Não sou um ladrão! Sou o filho dela!»

A última coisa que queria fazer naquele domingo de manhã era entrar num mini-autocarro apinhado, mas assim que ouvi a minha mãe dizer *sun'qbela* percebi que o meu destino estava traçado. Ela pegou em Andrew ao colo, saímos do Volkswagen e fomos tentar apanhar boleia.

Tinha cinco anos, quase seis, quando Nelson Mandela saiu da prisão. Lembro-me de ver o momento na televisão e de toda a gente estar feliz. Não sabia porque estávamos felizes, apenas sabia que estávamos. Tinha consciência de que havia uma coisa chamada *apartheid* e que estava a chegar ao fim e que isso era importante, mas não compreendia todas as implicações.

O que recordo, o que jamais esquecerei, é a violência que se seguiu. O triunfo da democracia sobre o *apartheid* é por vezes apelidado de Revolução Sem Sangue. Tem este epíteto porque muito pouco sangue branco foi derramado. Já o sangue negro corria pelas ruas.

Com a queda do regime do *apartheid*, tornou-se óbvio que os negros iriam governar o país. A questão era: que negros? Ondas de violência rebentaram entre o Inkatha Freedom Party e o ANC, o African National Congress, ao mesmo tempo que ambos tentavam conquistar o poder. A tensão política entre estes dois grupos era muito complexa, mas a maneira mais simples de entendê-la é sob a forma de uma guerra por procuração entre zulus e xossas. O Inkatha era predominantemente zulu, muito militante e muito nacionalista. O ANC era uma coligação que abrangia muitas tribos, mas os seus líderes na altura eram sobretudo xossas. Em vez de se unirem em nome da paz, viraram-se uns contra os outros, cometendo actos de uma violência inacreditável. Havia tumultos em grande escala. Milhares de pessoas foram mortas. O *necklacing* era comum. Um grupo de pessoas segurava a vítima e punha-lhe um pneu à volta do tronco, incluindo os braços. Depois, a pessoa era regada com gasolina, incendiada e queimada viva. O ANC fê-lo ao Inkatha. O Inkatha fê-lo ao ANC. Um dia, a caminho da escola, vi um desses corpos carbonizados na beira da estrada. Ao serão, a minha mãe e eu ligávamos o nosso pequeno televisor a preto e branco e víamos as notícias. Uma dezena

de pessoas mortas. Cinquenta pessoas mortas. Uma centena de pessoas mortas.

Eden Park não ficava muito longe das *townships* de East Rand, Thokoza e Katlehong, onde ocorriam alguns dos mais horrendos confrontos entre o Inkatha e o ANC. Uma vez por mês, pelo menos, chegávamos ao bairro e encontrávamo-lo em chamas. Centenas de desordeiros nas ruas. A minha mãe avançava com o carro devagar pelo meio da multidão e contornava barricadas feitas de pneus em chamas. Nada arde como um pneu — o fogo alastra-se com uma fúria que custa a imaginar. Passar por ali era como estar dentro de um forno. Eu costumava dizer à minha mãe: «Acho que Satanás queima pneus no Inferno.»

Sempre que havia tumultos, todos os nossos vizinhos se barricavam sensatamente dentro de casa. Mas a minha mãe não. Saía para a rua e, ao passarmos pelos bloqueios, lançava um olhar determinado aos revoltosos. *Deixem-me passar. Não tenho nada que ver com esta confusão.* Era inquebrantável face ao perigo. Isso sempre me espantou. Não importava que houvesse uma guerra à nossa porta. Ela tinha coisas para fazer, sítios onde ir. Era a mesma obstinação que a fazia ir à missa com o carro avariado. Podia haver 500 desordeiros com uma pilha de pneus em chamas na rua principal de Eden Park, e ainda assim a minha mãe diria:

— Veste-te. Tenho de ir para o trabalho. E tu tens de ir para a escola.

— Mas não tens medo? — perguntava-lhe. — Tu és só uma e eles são tantos.

— Não estou sozinha, querido — argumentava ela. — Tenho os anjos todos do Céu do meu lado.

— Seria bom que se deixassem *ver* — replicava eu. — É que parece-me que os desordeiros não sabem que eles lá estão.

Ela dizia-me que não me preocupasse. E regressava sempre à expressão que norteava a sua vida: «Se Deus está comigo, quem poderá estar contra mim?» Nunca tinha medo. Nem mesmo quando deveria ter.

Naquele domingo em que o carro se avariou fizemos o nosso circuito das igrejas, terminando, como de costume, na igreja branca. Ao sairmos de Rosebank Union, já tinha escurecido e não havia ninguém na rua. Tinha sido um dia interminável a entrar e sair de mini-autocarros e a pular de igreja em igreja, e eu estava exausto. Eram nove da noite, no mínimo.

Nessa época, com a violência e os motins, não era aconselhável andar na rua àquela hora da noite. Estávamos na esquina de Jellicoe Avenue com a Oxford Road, mesmo no coração dos subúrbios abastados e brancos de Joanesburgo, e não passava nem um mini-autocarro. As ruas estavam desertas.

Queria tanto virar-me para a minha mãe e dizer: «Estás a ver? Era por isto que Deus queria que ficássemos em casa.» Bastou-me ver a expressão na cara dela para manter o bico calado. Havia alturas em que podia armar-me em espertinho com a minha mãe; aquela não era uma dessas alturas.

Esperámos e esperámos que um mini-autocarro aparecesse. Durante o *apartheid* o Governo não fornecia qualquer meio de transporte público aos negros, mas os brancos precisavam que lhes varrêssemos o chão e limpássemos as casas de banho. Uma vez que a necessidade aguça o engenho, os negros criaram o seu próprio sistema de transportes, uma rede informal de linhas de autocarro, gerida por associações privadas que operavam totalmente à margem da lei. Não estando regulado, o serviço de mini-autocarros era essencialmente uma forma de crime organizado. Grupos diferentes geriam percursos diferentes, e batiam-se sobre quem controlava o quê. Havia subornos e negócios duvidosos, bastante violência e muito dinheiro pago em troca de protecção. O que ninguém se atrevia a fazer era roubar uma carreira a um grupo rival. Os motoristas que roubassem itinerários acabavam mortos. É visto que não estavam regulados, os mini-autocarros eram muito falíveis. Quando apareciam, apareciam. Quando não apareciam, não apareciam.

À porta de Rosebank Union, estava literalmente a dormir de pé. E nem um mini-autocarro à vista. Por fim, a minha mãe sugeriu que apanhássemos boleia. Andámos e andámos e, ao fim de uma eternidade, ou pelo menos foi o que me pareceu, um carro passou por nós e parou. O condutor ofereceu-nos boleia e nós entrámos. Não tínhamos avançado nem três metros quando, de súbito, um mini-autocarro guinou na nossa direcção e bloqueou o avanço do carro.

Um condutor zulu apeou-se com uma *iwisa* na mão, uma arma tradicional zulu de grandes dimensões: uma moca, basicamente. São usadas para rachar a cabeça ao inimigo. Um outro tipo, compincha do primeiro, saiu pelo lado do passageiro. Dirigiram-se ao condutor do carro em que seguíamos, agarraram o homem que nos oferecera boleia, puxaram-no para fora

da viatura e começaram a bater-lhe com as mocas. «Porque nos estás a roubar clientes? Porque é que estás a apanhar passageiros?»

Parecia que o iam matar. Eu sabia que isso, por vezes, acontecia. A minha mãe pronunciou-se. «Ei, escutem, ele estava apenas a ajudar-me. Deixem-no em paz. Nós vamos com vocês. De qualquer maneira, era o que queríamos.» Saímos do carro e metemo-nos no mini-autocarro.

Éramos os únicos passageiros. Além de serem bandidos violentos, os condutores de mini-autocarros sul-africanos são famosos por reclamarem ao mesmo tempo que conduzem. Aquele motorista estava particularmente colérico. Pôs-se a censurar a minha mãe por ter entrado num carro com um homem que não era o seu marido. Só que ela não aceitava sermões de estranhos. Mandou o motorista meter-se na vida dele e, quando o homem a ouviu falar xossa, ficou ainda mais irritado. Os estereótipos associados às mulheres zulus e xossas estavam tão arraigados quanto os dos homens. As mulheres zulus eram bem-comportadas e obedientes. As mulheres xossas eram promíscuas e infieis. E ali estava a minha mãe, sua inimiga tribal, uma mulher xossa sozinha com duas crianças, e uma delas mestiça, para mais. Não era apenas uma prostituta, mas uma prostituta que dormia com homens brancos. «Ah, és *xossa*», desdenhou ele. «Está explicado. A entrar no carro de homens desconhecidos. Mulher asquerosa.»

A minha mãe não parava de repreendê-lo e ele de chamar nomes à minha mãe, de gritar com ela desde o banco da frente, de adverti-la com o dedo pelo espelho retrovisor, e ia-se tornado mais e mais ameaçador, até que, às tantas, disse: «É esse o problema das mulheres xossas. São todas umas rameiras, e esta noite vais aprender uma lição.»

Acelerou. Conduzia a grande velocidade e não parava, abrandando apenas nos cruzamentos para evitar o trânsito antes de pisar de novo o acelerador. A morte estava sempre ao virar da esquina, naquela época. A minha mãe podia ser violada. Podíamos ser mortos, os três. Todas as opções eram viáveis. Mas não me apercebi do perigo que corríamos; estava tão cansado que só queria dormir. Além do mais, a minha mãe mantinha-se muito calma. Não entrou em pânico, continuou a argumentar com ele, por isso nem me passou pela cabeça assustar-me.

- Lamento se o aborrecemos, *bhuti*. Pode deixar-nos sair aqui...
- Não.
- A sério, não tem importância. Nós vamos a pé...
- Não.

Ele avançava a toda a velocidade por Oxford Road, vazia de carros. Eu estava sentado perto da porta de correr do mini-autocarro e a minha mãe seguia ao meu lado, com Andrew nos braços. Olhou para a estrada do lado de fora da janela e depois inclinou-se para mim e sussurrou: «Trevor, no próximo cruzamento, quando ele abrandar, vou abrir a porta e saltamos.»

Não ouvi uma única palavra do que ela me disse, por aquela altura já tinha adormecido. Chegados ao semáforo seguinte, o condutor levantou o pé do acelerador e olhou para ambos os lados da estrada. A minha mãe esticou o braço, abriu a porta de correr, agarrou-me e empurrou-me para o mais longe que pôde. A seguir, enroscou-se à volta de Andrew e saltou no meu encaço. Pareceu-me um sonho até sentir a dor. *Trás!* Embati com força contra o pavimento. A minha mãe aterrou ao meu lado e reboámos uma e outra vez. Já estava totalmente desperto. Passei de meio adormecido a: *Mas que merda é esta?!* Por fim, parei de dar cambalhotas e pus-me de pé, completamente desorientado. Olhei à minha volta e vi a minha mãe, já de pé. Virou-se, olhou para mim e gritou:

«Corre!»

E eu corri e ela correu, e ninguém corria como nós.

Não sei bem como explicar, mas sabia o que devia fazer. Era um instinto animal, adquirido num mundo onde a violência estava sempre à espreita. Quando a polícia caía sobre as *townships* com o seu equipamento antimotim, carros blindados e helicópteros, eu sabia: *Corre e procura abrigo. Corre e esconde-te.* Já o sabia aos cinco anos. Se tivesse levado uma vida diferente, ser empurrado para fora de um mini-autocarro a grande velocidade talvez me tivesse perturbado. Teria ficado ali espedado como um idiota, a perguntar: «O que é que se passa, mãe? Porque me doem tanto as pernas?» Mas não. A minha mãe disse «corre» e eu corri. Fugi como uma gazela foge de um leão. Os homens pararam o mini-autocarro, apearam-se e tentaram perseguir-nos, mas não tinham hipótese. Nós arrasámo-los. Creio que ficaram em choque. Ainda me lembro de olhar de relance para trás e de os ver desistir com um ar de total assombro no rosto. *O que é que acabou de acontecer? Quem diria que uma mulher com dois filhos pequenos era capaz de correr tão depressa?* Não sabiam que estavam a lidar com os campeões em título do Dia do Desporto do Maryvale College. Não parámos até chegar a uma bomba de gasolina aberta 24 horas por dia, de onde chamámos a polícia. Por essa altura, os homens há muito que tinham desaparecido. Continuava sem saber o motivo de tudo aquilo; correria à base de adrenalina pura. Só

depois de pararmos comecei a sentir dores. Olhei para baixo e a pele dos meus braços estava toda arranhada. Tinha cortes e sangrava por todo o lado. A minha mãe estava igual. O meu irmãozinho, incrivelmente, ficou incólume. A minha mãe envolvera-o com o corpo e ele não sofreu nem um arranhão. Virei-me para ela, em choque.

— O que é que foi *aquilo*?! Porque é que fugimos?!

— Como assim, «porque é que fugimos»? Aqueles homens queriam matar-nos.

— Não me disseste nada! Empurraste-me apenas para fora do mini-autocarro!

— Claro que disse. Porque não saltaste?

— Saltar?! Eu estava a dormir!

— Então, devia ter-te deixado lá para eles te matarem?

— Pelo menos, ter-me-iam acordado antes de me matarem.

A discussão prosseguiu. Estava demasiado confuso e zangado por ter sido empurrado para fora do mini-autocarro para me dar conta do que acabara de acontecer. A minha mãe salvara-me a vida.

— Bem, pelo menos estamos em segurança, graças a Deus — disse ela, enquanto recuperávamos o fôlego e esperávamos que a polícia chegasse e nos levasse a casa.

Só que eu tinha nove anos e já não ia em cantigas. E também não planeava ficar calado.

— Não, mãe! Isto *não* foi graças a Deus! Devias ter dado ouvidos a Deus quando ele nos disse para ficarmos em casa, impedindo o carro de pegar, porque é óbvio que o Diabo nos pregou uma partida ao fazer-nos sair de casa.

— Não, Trevor! Não é dessa forma que o Diabo opera. Isto faz parte do plano de Deus e, se Ele nos queria aqui, é porque tinha um motivo...

E lá voltámos nós ao mesmo, à discussão sobre a vontade de Deus.

— Olha, mãe, eu sei que amas Jesus, mas talvez para a semana pudesses pedir-lhe que fosse ter a nossa casa. É que não foi uma noite nada divertida.

Ela fez um sorriso rasgado e desatou-se a rir. Eu comecei a rir também, e ali ficámos, um rapazinho e a sua mãe, com os braços e pernas cobertos de sangue e terra, rindo juntos apesar das dores, sob a luz de uma bomba de gasolina, na beira da estrada, a meio da noite.

O *apartheid* era uma forma perfeita de racismo. Demorou séculos a apurar, tendo começado em 1652, quando a Companhia Holandesa das Índias Orientais aportou no cabo da Boa Esperança e estabeleceu uma colónia comercial, Kaapstadt, mais tarde conhecida como Cidade do Cabo, um porto de ligação para barcos que faziam o percurso entre a Europa e a Índia. Para impor o domínio branco, os colonos holandeses entraram em guerra com os nativos e acabaram por criar um conjunto de leis para subjugar-los e escravizá-los. Quando os britânicos assumiram o controlo da Colónia do Cabo, os descendentes dos colonos holandeses mudaram-se para o interior e desenvolveram uma língua, uma cultura e costumes próprios, tornando-se um povo distinto, os africânderes: a tribo branca de África.

Os britânicos aboliram nominalmente a escravatura, mas mantiveram-na na prática. Aconteceu assim, porque, em meados do século XIX, numa zona que havia sido descartada como simples ponto de passagem na rota para o Extremo Oriente, uma mão-cheia de capitalistas sortudos tropeçou nas reservas de ouro e diamantes mais ricas do mundo, e era necessário um exército interminável de corpos dispensáveis para descerem ao subsolo e trazerem as riquezas à superfície.

Com a queda do império britânico, o africânder posicinou-se como herdeiro legítimo da África do Sul. Para manter o poder sobre a maioria negra, cada vez mais turbulenta e numerosa, o Governo percebeu que necessitava de um conjunto de ferramentas novas e mais vigorosas. Estabeleceu uma comissão formal cujo objectivo era estudar o racismo institucionalizado em todo o mundo. A comissão foi à Austrália. Foi à Holanda. Foi à América. Percebeu o que funcionava e o que não funcionava. Depois, regressou e publicou um relatório, e o Governo usou esse conhecimento para construir o mais avançado sistema de opressão racial jamais visto.

SOU UM CRIME

NAScer E CRESCER NO APARTHEID

foi composto em caracteres
Hoefler e impresso pela Rainho&Neves,
sobre papel Coral Book de 80 gramas,
em Outubro de 2018.